



# ID'S EM AÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE PESQUISAS FORMATIVAS MEDIADAS POR TEMPOS INTERPRETADOS COMO AIÔNICOS

Ingrity Leandro da Silva<sup>1</sup>  
Beatriz Pereira Serrão<sup>2</sup>  
Maria José da Silva Vaz<sup>3</sup>  
Mariana da Silva Machado<sup>4</sup>  
Heloisa Josiele Santos Carreiro<sup>5</sup>

## RESUMO

O artigo apresenta experiências desenvolvidas em dois projetos de Iniciação à Docência (ID's) envolvendo quatro bolsistas e a coordenadora das propostas, que é Professora Adjunta da FFP - UERJ, localizada em São Gonçalo – RJ. Embora um dos projetos inicie suas ações antes da pandemia, aqui abordaremos apenas as experiências desenvolvidas ao longo de 2021, que se dinamizaram de modo virtual, quinzenalmente, nas manhãs de sábados letivos. O trabalho investigativo se inscreve na perspectiva dos estudos qualitativos, interage com os estudos da Sociologia das Infâncias, no que concerne a entender a criança como categoria social, que ajuda na co-produção de cultura. Assim, afirmamos que o espaço da escola, seus modos de produzir conhecimento e suas concepções estão em constante mutação, na medida em que em diálogo com Qvortrup vamos entendendo as infâncias como fenômenos culturais. Para tecer diálogos com estas crianças, metodologicamente, dialogamos com os estudos etnográficos de Corsaro; com a observação participante de Damiani (et al.); com a mediação literária e poética de Corsino; com Candido em defesa da literatura como parte dos direitos humanos; com Derdyk, Albano e Vygotsky trabalhamos a necessidade interativa formativa de adultos e de crianças, no entendimento do desenho como linguagem potente no cotidiano, nas articulações a literatura e na história da humanidade. Também interagimos com Kohan para refletir sobre nossas experiências de tempos nos sábados letivos.

**Palavras-chave:** Iniciação à Docência, Pesquisa com Crianças, Interações Pedagógicas na Pandemia.

## INTRODUÇÃO

O artigo em tela apresenta experiências desenvolvidas em dois projetos de Iniciação à Docência (ID's) envolvendo cinco pesquisadoras: uma coordenadora e idealizadora dos projetos e quatro bolsistas de graduação em Pedagogia, duas voluntárias e duas com financiamento de nossa Instituição de Ensino Superior. Em uma Universidade pública

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FFP-UERJ - RJ, [ingrityleandro@gmail.com](mailto:ingrityleandro@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FFP-UERJ - RJ, [beatrizps020@gmail.com](mailto:beatrizps020@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FFP-UERJ - RJ, [zezemaepd@gmail.com](mailto:zezemaepd@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FFP-UERJ - RJ, [mariana.smnascimento@gmail.com](mailto:mariana.smnascimento@gmail.com);

<sup>5</sup> Professor orientador: doutora em Educação, Faculdade de Formação de Professores da UERJ - RJ, [helo.carreiro.uerj.ffp@gmail.com](mailto:helo.carreiro.uerj.ffp@gmail.com).



localizada no estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Formação de Professores – FFP/ UERJ), localizada na cidade de São Gonçalo - RJ. Embora um dos projetos inicie suas ações antes da pandemia, na presente discussão abordaremos apenas as experiências de ensino e pesquisa desenvolvidas ao longo de 2021, que se dinamizaram de modo virtual, quinzenalmente, nas manhãs de sábados letivos.

A escolha do dia da semana e a periodicidade foi estabelecida pela gestão da instituição. Antes da pandemia às atividades de Iniciação à Docência desenvolvidas por bolsistas, ocorriam semanalmente, dentro do espaço escolar. A pandemia provocada pelo SARS-CoV-2, mudou as relações sociais e necessitamos optar pelo distanciamento social como medida de contenção de sua transmissão, uma das estratégias foi a suspensão das atividades presenciais de todas as instituições de ensino, apesar da medida ser importante, esse fato provocou muitas repercussões emocionais na vida dos estudantes fossem eles: crianças, jovens ou adultos e, também na vida dos profissionais de educação no Brasil. Infelizmente, o vírus ceifou mais de meio milhão de vidas. Neste contexto o trabalho das ID's precisou ser redesenhado e junto com os profissionais da instituição de Educação Básica que acolhia a proposta, arquitetamos caminhos para desenvolver os seguintes projetos: Alfabetização e Literatura: a mediação literária favorecendo a aprendizagem da leitura e da escrita, cujo objetivo principal é criar parceria entre escola e universidade no que diz respeito ao enfrentamento dos desafios teóricos e metodológicos que se colocam à professora alfabetizadora. O presente projeto se justifica diante dos muitos desafios que professoras-alfabetizadoras enfrentam para favorecer às crianças nas questões relacionadas ao ensino-aprendizagem da leitura e da escrita no cotidiano escolar. Assim, a proposta propõe o acompanhamento de uma turma de alfabetização, o 1º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública de São Gonçalo.

O acompanhamento da turma pretende, especificamente, duas frentes de ações: uma que dialoga diretamente com a professora-alfabetizadora como aponta os estudos de Garcia e outra que atua com as crianças, partindo do pressuposto de que as crianças são sujeitos ativos e coprodutoras de cultura como revelam Sarmiento (2008), Qvortrup (2011) e Corsaro (2011). As atividades desenvolvidas com as crianças ocorrem sempre em parceria com a professora-alfabetizadora e pretendem dar visibilidade à potência do trabalho constante com o texto literário e o quanto ele favorece às crianças no processo de criação de outros textos. Pesquisas de Corsino (2014) mostram que crianças em interação com a literatura produzem textos mais enriquecidos e ousados em termos de narrativas, também evidenciam que elas enfrentam com mais coragem e curiosidade as questões relacionadas a codificação e decodificação da língua escrita.



O segundo projeto de Iniciação à Docência é nomeado como: Oficinas de desenhos no Ensino Fundamental I: caminhos teóricos e práticos para a reflexão sobre o desenvolvimento da linguagem gráfica infantil, o principal objetivo da proposta é garantir às crianças do Ensino Fundamental experiências que favoreçam o desenvolvimento de seus desenhos. A proposta se justifica pelo pouco investimento que há no Ensino Fundamental em relação à produção do desenho infantil. Sabemos que na Educação Infantil as crianças são muito encorajadas a interagir com o desenho enquanto linguagem (VYGOTSKY, 2018), na comunicação de suas ideias e como exercício de reinterpretação do mundo (ALBANO, 2013). Contudo, os estudos de Derdyk (2015) e de Albano (idem) demonstram que quando elas chegam no Ensino Fundamental essa experiência com a linguagem pictográfica, gradativamente, começa a desaparecer, tanto por conta da preocupação com um currículo denso e pouco articulado, muitas vezes conduzido por atividades enfadonhas, quanto pelo reconhecimento de não saberes por parte dos docentes (ALBANO, 2013; IAVELBERG, 2013) de como corroborar com a crianças junto a esta linguagem, uma vez que muitos docentes afirmam que “não sabem desenhar”.

## **METODOLOGIA**

O trabalho investigativo se inscreve na perspectiva dos estudos qualitativos, interagindo com os estudos da Sociologia das Infâncias, no que concerne a entender a criança como categoria social, que ajuda na co-produção de cultura. Assim, afirmamos que o espaço da escola, seus modos de produzir conhecimento e suas concepções estão em constante mutação, na medida em que em diálogo com Qvortrup (2011), vamos entendendo as infâncias como fenômenos culturais. Para tecer diálogos com estas crianças, metodologicamente, dialogamos com os estudos etnográficos de Corsaro (2011); com a observação participante de Damiani (et al., 2013); com a mediação literária e poética de Corsino (2014); com Candido (1995) em defesa da literatura como parte dos direitos humanos; com Derdyk (2015), Albano (2013) e Vygotsky (2018) trabalhamos a necessidade interativa formativa de adultos e de crianças, no entendimento do desenho como linguagem potente no cotidiano, nas articulações a literatura e na história da humanidade.

O trabalho da ID ligada a processos de Alfabetização e Leitura, além, das questões metodológicas citadas, assumimos na arquitetura das propostas que oferecemos às crianças a perspectiva discursiva de Smolka (2012), que considera as experiências narrativas das crianças e seus encontros com a literatura, como sendo o ponto de partida para a relação das mesmas,

que partilham entre elas a função social da escrita, que muitas vezes é um dos fatores que mais as mobilizam ao desejo de querer aprender a ler e escrever.

Na ID de Oficina de Desenhos, a bolsista e a coordenadora fizeram cursos presenciais e à distância, a fim de aprimorar seus traços, de explorar e entender nas produções do desenho a linha como linguagem (DUBOVIK & CIPPITELLI, 2020). Utilizamos nas oficinas que desenvolvemos com as crianças uma coletânea de mais de sete livros nomeadas como: “Desenhos Passo a Passo” criada pela escritora Fiona Watt em parceria com a ilustradora Candice Whatmore (2015; 2016; 2017; 2020; 2021a, 2021b), publicado pelas Edições Usborne, no momento estamos utilizando os seguintes livros tematizados com os quais vimos trabalhando com as crianças são: *Animais, Dinossauros, Cavalos, Pessoas, Monstros, 1000 Coisas Pequenas* (WATT; WHATMORE, *Idem*), a coleção de Watt e Whatmore e a usamos buscando mobilizar três elementos: a) o primeiro é confirmar que, todo mundo pode desenhar ao seu modo e/ou com traços mais próximos às formas que estão presentes no mundo; b) os materiais editoriais mediados ajudam a destravar a linguagem gráfica, do nosso ponto de vista uma vez que passo a passo, vai auxiliando a arquitetura do desenho que se pretende, e; c) que depois do enfrentamento do passo a passo cada criança e/ou adulto agregue elementos que torne seu desenho autoral e singular. O que podemos confirmar, que vem acontecendo, em todas as oficinas nas quais desenvolvemos é que as crianças e adultos, vão acompanhando o passo a passo, quando colocamos os desenhos perto e/ou ao lado do outro, sempre vemos singularidades, ou sejam, eles representam e dialogam com o passo a passo. Mas a pressão no lápis, o movimento de observação do risco e o processo de tradução por linhas no papel, sem contar a pintura autoral. Acompanhar um desenho passo a passo exige que façamos cálculos mentais pessoais (independente do quanto estamos ciente deles ou não), pois há uma equação entre o desenho que preciso fazer, o papel que tenho disponível e o espaço de desenho de quem risca, que não é necessariamente igual ao da crianças, muitas vezes, fazemos os desenhos no quadro branco para as crianças acompanharem nos sábados letivos, isso ocorre ao vivo, no Canal no Youtube, a mediação é uma gravação um simulacro de que elas estão ali conosco. A coletânea de livros que usamos, não faz com que as crianças façam o desenho igual, pelo que acabamos de relatar e pelo que pode ser observado abaixo, percebe-se o quanto há de autoria, como podem ver na imagem abaixo.



Acervo Pessoal: Desenho das Crianças de Petrópolis do Passo a Passo da Coruja



Acervo Pessoal: Desenho das Crianças de Petrópolis do Passo a Passo do Rato

Os desenhos foram produzidos por crianças que acompanharam um vídeo que publicamos em nosso canal no Youtube (COLEI FFP UERJ). Os desenhos pertencem às crianças de Petrópolis-RJ e nós foram enviados por seus pais com autorização para publicação. Se observarmos com atenção cada desenho, podemos ver em cada um deles identidades dos traços gráficos infantis. O desenho revela a autoria das crianças.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O projeto de Iniciação à Docência (ID): Alfabetização e Literatura: a mediação literária favorecendo a aprendizagem da leitura e da escrita, teoricamente com os estudos do cotidiano (GARCIA, 1998), compreendendo a importância do diálogo com a professora-alfabetizadora, que através dos desafios que emergem de sua própria prática torna-se uma investigadora, na medida em que ela não se contenta com os resultados que sua prática produz, em que não transfere o fracasso escolar às crianças, mas compreende a responsabilidade de seus saberes e fazeres (ALVES, 2001) naquilo que as crianças revelam saber e ainda-não saber (ESTEBAN, 2002). Os estudos do cotidiano possibilitam que a professora-alfabetizadora tenha seu ato de educar como um ato responsivo (BAKHTIN, 2010), na medida em que não há alibi possível que justifique as não aprendizagens infantis. Em relação ao trabalho com a literatura é central em nossos estudos dialogarmos com Corsino (2014) e Queiróz (2014) que compreendem a importância da mediação literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental. As pesquisadoras



em questão debruçam-se em investigar como o trabalho com a literatura representa uma potência qualitativa nos processos de ensino-aprendizagem. A partir do trabalho delas conseguimos afirmar que as crianças que se encontram envolvidas em um trabalho de letramento literário, conseguem ter mais fruição interativas com as aprendizagens relacionadas a decodificação e codificação da língua portuguesa. Não que as ações ligadas à mediação literária tenham por foco, o trabalho com a alfabetização da língua portuguesa, isso em seu sentido mais estrito: decodificação e codificação. Mas a intimidade com o texto literário vai agregando saberes sobre a leitura e a escrita que ajudam as crianças, que se encontram em processo de alfabetização. Diante dessa questão será fundamental em nosso projeto a compreensão e a dinamização metodológica da mediação literária, tanto por parte dos bolsistas, como do docente que estiver envolvido com a presente proposta. Em nossos trabalhos vamos compreendendo os conceitos de criança e de infâncias a partir dos estudos vinculados à Sociologia da Infância (SARMENTO, 2008; CORSARO, 2011; FERREIRA, 2004; QVORTRUP, 2011). Reconhecemos que precisamos pensar intervenções metodológicas que sejam mais atualizadas em relação aos modos de conceber as crianças e suas infâncias, não basta dizer que elas pensam, é preciso que o trabalho pedagógico seja dinamizado em diálogo com uma criança que pensa. Não basta dizer que as crianças possuem vozes, é preciso pensar estratégias para uma escuta sensível (BARBIER, 1993) que pensem modos de ressonâncias dessas vozes no encaminhamento das questões didáticas. Para pensar as questões relativas às concepções de alfabetização dialogaremos com o trabalho de pesquisa de Ferreira & Teberosck (1999) que partem de comprovações empíricas onde as crianças produzem reflexões e hipóteses sobre a leitura e a escrita, entenderemos o trabalho das autoras como exercício provocativo a investigação sobre quais são tais hipóteses e reflexões que as crianças envolvidas com o projeto possuem considerando os seus referenciais culturais (CORSARO, 2011) e os conhecimentos que as mesmas possuem a partir da leitura e da literatura. Nosso diálogo se expande com Freire (2008) na compreensão de que as leituras de mundo antecedem, ampliam e provocam a curiosidade em relação a leitura das palavras.

A ID mais recente iniciada em contexto pandêmico: Oficinas de desenhos no Ensino Fundamental I: caminhos teóricos e práticos para a reflexão sobre o desenvolvimento da linguagem gráfica infantil, concebe a criança em diálogo com a Sociologia da Infância (SARMENTO, 2008; CORSARO, 2011; QVORTRUP, 2011). Desse modo, reconhecemos que as crianças são atores sociais, que pensam, que falam e que reinterpretam a cultura. Considerando esse fato precisamos pensar intervenções metodológicas que sejam mais atualizadas em relação aos modos de conceber as crianças e suas infâncias, não basta dizer que



elas pensam, é preciso desenvolver a arquitetura de um trabalho pedagógico, no qual elas sejam convidadas a interagir na condição de ator social. Os estudos de Vygotsky (2018) são fundamentais na reflexão que fazemos para pensar o processo de “criação e de imaginação infantil” no ato de brincar e de desenhar. Eles partem da concepção de uma criança ativa, que aprende em interação com o mundo, mobilizando: emoções, memórias, observações e reinterpretações de experiências vividas e/ou compartilhadas com os adultos ou o grupo de pares à sua volta. Acreditamos, em diálogo com o autor, que o desenho é um dos primeiros atos de criação no mundo feitos pelas crianças, também nesse diálogo defendemos que toda atividade infantil resulta na criação de novas imagens ou ações. Isso nos leva a refletir sobre como o desenho é estimulado no espaço escolar. Os estudos de Vygotsky nos revelam que “no desenvolvimento da criação artística infantil, inclusive plástica, é preciso seguir o princípio da liberdade, que é condição indispensável de qualquer criação” (VYGOTSKY, 2018, p. 116). Assim, passamos a investigar as condições em que tais práticas de produção e apreciação dos desenhos infantis são produzidas no Ensino Fundamental, pensando oficinas que estimulem essa liberdade e simultaneamente, instrumentalizem às crianças em termos de técnicas e de ofertas de materiais para a composição estética dos traços e das formas de seus desenhos. Esse autor nos ajuda a pensar o desenho como uma linguagem infantil. O trabalho desenvolvido por Albano (2013) nos faz refletir sobre as lacunas presentes no processo de formação docente, em relação ao trabalho do desenho enquanto linguagem infantil. Os estudos de Derdyk (2015); de Mèredieu (2006) e de Iavelberg (2013) também são nossos aportes teóricos para pensar o desenho infantil e sua presença na escola. Esses quatro autores nos fazem refletir sobre a importância de se investir na formação docente, a fim de que os professores possam ter minimamente um instrumental teórico-prático, para contribuir com o processo de desenvolvimento do grafismo infantil. Dialogamos também com os estudos do cotidiano (GARCIA, 1998), compreendendo a importância do diálogo com o conceito de professora-pesquisadora, que através dos desafios que emergem de sua própria prática torna-se uma investigadora. Assim, nos proporemos a investigar junto com os professores envolvidos no projeto, sobre o porquê deixamos desaparecer na experiência de escolarização do Ensino Fundamental, uma linguagem tão potente como a do desenho infantil.

As experiências que vimos tendo nos sábados letivos virtuais com a UMEI Jacy Pacheco nos aproximou de um autor que estuda questões ligadas à filosofia da infância, referimo-nos a Walter Kohan (2020) que dentre as diversas contribuições que traz para o campo da educação, vamos explorar aqui brevemente, o que o autor define como aión. Ele diz “Aión, o tempo da infância, é, também, o tempo da arte e da filosofia. E é, igualmente, atentar para o poder



revolucionário do menor, molecular, mínimo, ínfimo” (p. 12). Entendemos que nossas experiências nos sábados letivos se aproximam da definição apresentada pelo autor, quando compartilhamos com as crianças: literatura, poesias, fotografias, ilustrações e as convidamos a conversar sobre o que lhes oferecemos e simultaneamente as convidamos a produção textual coletiva e ao enfrentamento do desafio da escolha do desenho que fazemos juntos, que passa muitas vezes sob uma acirrada disputa de votação. Considerando quais as propostas que compartilharemos como passo a passo para fazermos ao vivo com elas virtualmente, sentimos que esta prática miúda de decidir com elas, pensar com elas as empodera sobre as estratégias de micro e macro revoluções no mundo. Nosso último encontro com as crianças em novembro, mesmo com mais de uma hora e meia de mediação, Thomás, um menino de aproximadamente seis anos levanta a mão e diz, vamos ficar mais um pouco e fazer o outro desenho junto, nós autoras queríamos ficar com ele, mas as famílias e, a gestão nos explicava que o chrónos tinha passado rápido demais e não podíamos prorrogar e viver mais um pouco de tempos pedagógicos que se estruturam em uma perspectiva aiônica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Articulamos nossas experiências em diálogo com a pedagogia da escuta (RINALDI, 2012) o que nos mobiliza a estar atentos às interações a todos os atores envolvidos no cotidiano da instituição. A ideia é de que ele seja constantemente discutido e redesenhado sempre que necessário. Para os sábados letivos pensamos inicialmente em encontros que não deveriam passar de 30 ou 40 minutos, mas nesse semestre chegamos muitas vezes às interações de uma hora e meia a quase duas horas. No geral, as crianças se envolvem bastante com as propostas que oferecemos de mediação literária, poética e desenho passo a passo, sendo sempre um desafio fazer a palavra circular entre elas. Entretanto, sempre buscamos acolher todas as vozes, tentando não deixar que o coletivo infantil perca a dimensão *de que todas as crianças têm o direito de falar e de serem ouvidas*. Isso no contexto presencial era um desafio, no contexto virtual se complexifica ainda mais e por esse motivo, ainda que “contra nossa vontade”, pois entendíamos que esse era um tempo longo demais para as crianças ficarem frente às telas de computadores, tablets e/ou celulares. Apesar dessa resistência que tínhamos, do tempo de interação das crianças com telas virtuais, o trabalho de dinamização das atividades das ID’s por meio delas, nos desafiavam muito a entender o que as crianças com empolgação diziam, e também a identificar as crianças. Dinâmica pedagógica que exigia de nós o investimento de mais tempo cronológico. Todavia, gostaríamos de ponderar que a Equipe Gestora é



extraordinária nesse apoio, de buscar compreender as crianças. Esse movimento de escuta, fala e reconhecimento das vozes e identidades das crianças, inevitavelmente fez com que *não tivéssemos controle do chrónos*, pois de algum modo tínhamos a sensação de conseguir *construir com as crianças um tempo aiônico*, conforme argumenta Kohan. Segundo os estudos filosóficos do autor, aión refere-se a uma temporalidade não numerável nem sucessiva, pois remete-se a entrega à uma experiência da intensidade da vida humana.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, A. A. O espaço do desenho: a educação do educador. 16ª Edição. São Paulo: **Loyola**, 2013.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Org.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: **DP&A**, 2001.

BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. Organização por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – CEGE/UFsCar. Trad. por Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco. São Carlos: **Pedro & João Editores**, 2010.

BARBIER, R. A escuta sensível em educação. Cadernos **ANPEd n°5** - Trabalhos apresentados na 15ª reunião anual, Porto Alegre, 1999. 187-216.

CANDIDO, A. Vários escritos. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: **Duas Cidades**, 1995.

CORSARO, W. Sociologia da Infância. 2ª Edição. Porto Alegre: **Artmed**, 2011.

CORSINO, P. Travessias da literatura na escola. 1ª Edição – Rio de Janeiro: **7 Letras**, 2014.

DAMIANI, M.; ROCHEFORD, R.; CASTRO, R.; DARIZ, M.; PINHEIRO, S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel**: Pelotas maio/agosto, 2013.

DERDYK, E. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo. 5ª edição. Porto Alegre, RS: **Zouk**, 2015.

DUBOVIC, A.; CIPPITELLI, A. A linha como linguagem: o repertório do visível. São Paulo: **Editora Phorte**, 2020.

ESTEBAN, M. T. O Que Sabe Quem Erra? Reflexões sobre Avaliação e Fracasso Escolar. Rio de Janeiro: **DP&A**, 2002.

FERREIRA, M. A gente gosta é de brincar com os outros meninos! Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância. Porto: **Edições Afrontamento**, 2004.



FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. A psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: **Artmed**, 1999.

GARCIA, R. L. (org.) A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática. São Paulo: **Cortez**, 1998.

IABELBERG, R. O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores. Porto Alegre, RS: **Zouk**, 2013.

KOHAN, W. O. Tempos da infância: entre um poeta, um filósofo, um educador. Seção temática: Infância, Política e Educação. São Paulo, v. 46, e236273, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/QcvjH8zScrWNTZLkshWwKCj/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 04 de dez. 2021.

MÈREDIEU, F. de. O desenho infantil. 11ª Edição. São Paulo: **Cultrix**, 2006.

QUEIROZ, Hélen. A literatura em jogo: suas faces, máscaras, metáforas. In.: Travessias da literatura na escola. 1ª Edição – Rio de Janeiro: **7 Letras**, 2014.

QVORTRUP, J.. Nove teses sobre a infância como um fenômeno social. Revista Pro-Posições 2011, vol.22, n.1. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643291>>. Acesso em: 04 de dez. 2021.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: **Paz e Terra**, 2012.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In.: Estudos da Infância. Educação e Práticas Sociais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In.: Estudos da Infância. Educação e Práticas Sociais. Petrópolis, RJ: **Editora Vozes**, 2008.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante, A criança na fase inicial da escrita: Alfabetização como processo discursivo – 13ª. ed – São Paulo: Cortez, 2012.

VYGOTSKY, L. Imaginação e criação na infância. SP: **Expressão Popular**, 2018.

WATT, F.; WHATMORE, C. Desenhos Passo a Passo Pessoas. Barueri, **Edições Usborne**, 2015.

WATT, F.; WHATMORE, C. Desenhos Passo a Passo Animais. Barueri, **Edições Usborne**, 2016.

WATT, F.; WHATMORE, C. Desenhos Passo a Passo Dinossauro. Barueri, **Edições Usborne**, 2017.

WATT, F.; WHATMORE, C. Desenhos Passo a Passo Cavalos. Barueri, **Edições Usborne**, 2020.



VIII ENALIC

EDUCAÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VII SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

7 A 11 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2526-3234

WATT, F.; WHATMORE, C. Desenhos Passo a Passo Monstros. Barueri, **Edições Usborne**, 2021a.

WATT, F.; WHATMORE, C. Desenhos Passo a Passo 1000 Coisas pequenas. Barueri, **Edições Usborne**, 2021b.